

# FH lamenta não ter um premier

Presidente reclama de trabalho e demonstra alívio por escapar da 'mesquinha do dia-a-dia'

Ascânio Seleme e Helena Celestino

LAUSANNE E PARIS

Já vão longe os tempos em que Fernando Henrique Cardoso dizia que era fácil governar o Brasil. As crises dos últimos meses, que passaram por derrotas no Congresso, por episódios como o massacre de Eldorado de Carajás e por uma reforma ministerial, além dos compromissos e obrigações do cargo, deixaram uma marca visível no presidente: o cansaço. A viagem a Paris, Lyon, Genebra e Lausanne o deixou exaurido. Suas olheiras, inchadas mais do que o habitual, formavam o melhor par de exemplos do cansativo roteiro de seis dias de trabalho intenso. Ontem, na sede do Comitê Olímpico Internacional, Fernando Henrique provocou seus interlocutores ao reclamar, com bom humor, da maratona. E, voltando às suas convicções parlamentaristas, disse que só nomeando um primeiro-ministro poderia dividir a sua pesada carga de trabalho.

— Não sei se vou a Atlanta ver as Olimpíadas. Nessas horas lamento não ter um primeiro-ministro. Depois do que passei na França, seria bom ter um primeiro-ministro para poder dividir — disse Fernando Henrique para Juan Antonio Saramanch, presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI).

Na noite anterior, em Paris, Fernando Henrique encerrou um dia de trabalho com uma frase ainda mais reveladora:

— Estou tão exausto que agora só me resta desmaiar. Aliás, vamos todos desmaiar — disse para ministros, assessores e jornalistas que também cumpriram a agenda fatigante.

Além de passar pela maratona de visitas de Estado programada pelo Governo francês, o presidente teve de administrar, contra um fuso horário de cinco horas, o lançamento da candidatura de José Serra para a Prefeitura de São Paulo e sua substituição por Antônio Kandir no Ministério do Planejamento.

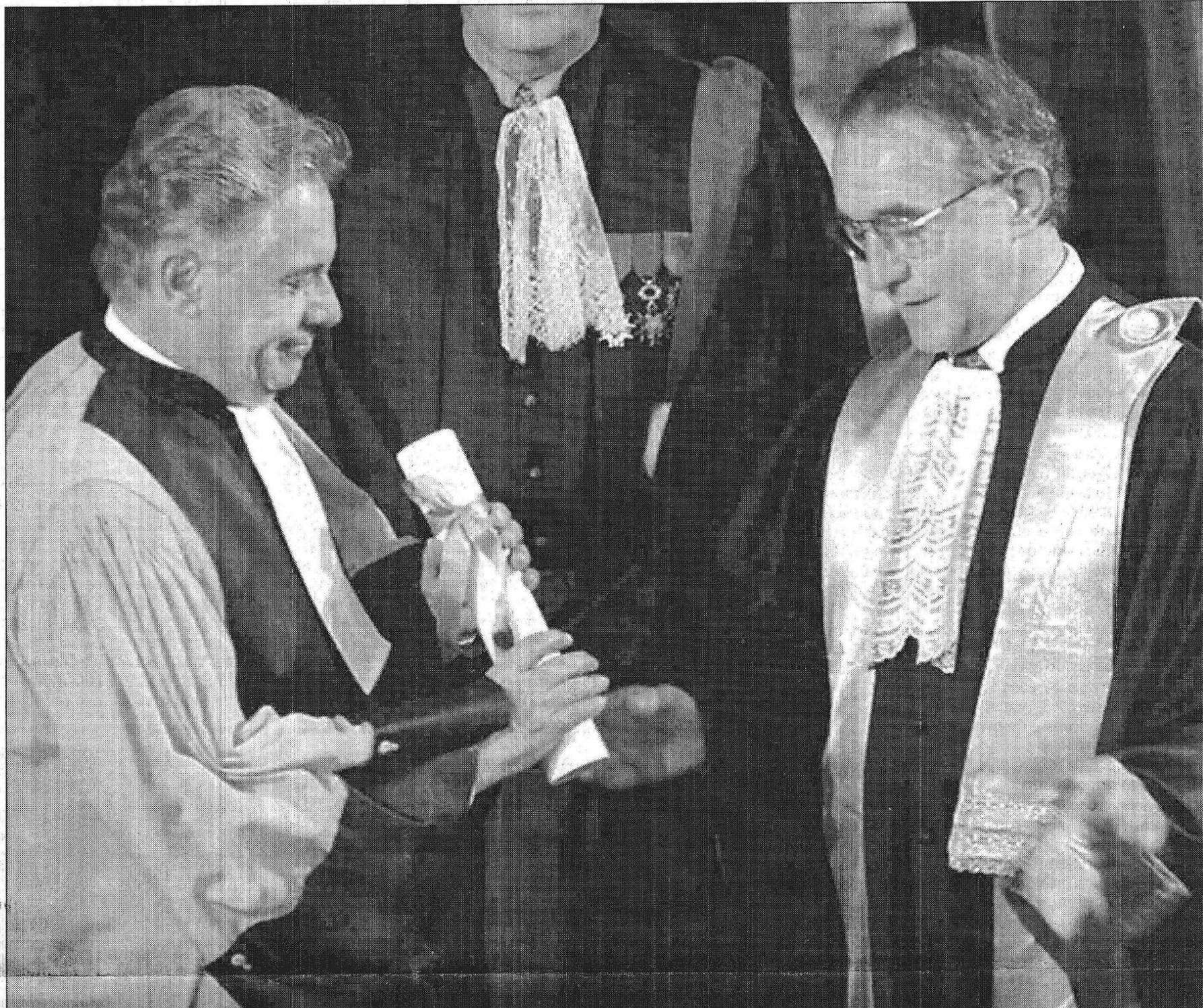
Nessa viagem o presidente também deixou claro seu desânimo com a administração do dia-a-dia de seu Governo e os embates com o Congresso, ao comentar seu encontro com alguns professores da Sorbonne, na quarta-feira:

— A Sorbonne foi uma coisa muito especial para mim. Não só pela discussão que tive com alguns intelectuais, muito franca, muito aberta, muito respeitosa, na qual conseguimos colocar problemas escapando da mesquinha do dia-a-dia, mas também pelas homenagens da reitora da Universidade de Paris — lembrou com prazer.

A viagem do presidente à França terminou ontem à tarde em Lyon, onde Fernando Henrique recebeu o título de doutor honoris causa da Universidade Lumière Lyon II. Mas as melhores lembranças da viagem serão, na própria avaliação do presidente, o encontro na Sorbonne e com o presidente Jacques Chirac. Fernando Henrique ficou impressionado e contente de ver como o presidente francês se referiu ao Brasil.

— Foi o momento de ver que o Brasil faz parte do novo mundo que está sendo feito, que nós somos parte ativa deste novo mundo. O modo como o presidente Chirac se referiu ao Brasil foi uma coisa que todos que estávamos lá ficamos tocados — disse, mostrando que se deixou impressionar pela pompa das homenagens de terça-feira.

Fernando Henrique fez um balanço extremamente positivo de sua viagem à França:



O PRESIDENTE Fernando Henrique Cardoso recebe o título de doutor honoris causa da Universidade Lumière Lyon II no último dia de sua viagem oficial à França

— Acho que foi uma visita que teve um êxito muito grande porque era clara a disposição de Chirac de estabelecer uma relação muito direta com o Brasil.

Segundo ele, os dois conversaram muito sobre as relações estratégicas entre Brasil e França, sobre parceria no plano internacional e também sobre as possibilidades de intensificar as relações econômicas.

O presidente aproveitou até o fim a distância do difícil cotidiano de Brasília. Ontem, ele e dona Ruth Cardoso foram recebidos pelo prefeito de Lyon, Raymond Barre, e sua mulher Eve para um rápido encontro na Prefeitura. Logo depois, o ministro da Defesa, Charles Millon, ofereceu um almoço para o presidente e a comitiva brasileira num hotel da região. Dos estudantes brasileiros presentes, recebeu uma carta pedindo o fim da impunidade no

Brasil e ouviu reclamações sobre a imagem do Brasil no exterior, frequentemente associada à violência.

— Não tenho autoridade para coibir esses crimes. Não posso fazer nada. Mande para o Congresso um projeto em que os crimes contra os direitos humanos serão submetidos à autoridade do Governo central — disse Fernando Henrique, aconselhando os estudantes a não tentarem esconder as coisas ruins que acontecem no Brasil, e sim mostrarem também as coisas boas.

A questão dos direitos humanos foi um tema constante na viagem de Fernando Henrique. Ontem o jornal "L'Humanité" publicou a resposta do presidente Chirac à carta aberta enviada pelo ex-secretário-geral do PC Georges Marchais, em que ele reclamava dos massacres dos sem-terra no Brasil. Chirac ressaltou que esses acontecimentos

suscitam "horror e reprovção, mas disse que o presidente brasileiro condenou os crimes e tomou medidas para reduzir as ilegalidades sociais. "No plano dos direitos dos homens a situação no Brasil continua preocupante, mas avanços significativos aconteceram. É preciso esperar que as medidas tomadas tenham efeito", escreveu o presidente francês, prometendo tratar do assunto com Fernando Henrique — a assessoria do Palácio do Elysée não confirma que os dois presidentes tenham falado sobre o assunto.

O Brasil vai estar indiretamente presente na reunião do G-7. Fernando Henrique informou ontem que está enviando um documento a Chirac, com as propostas brasileiras para criar salvaguardas contra as desordens causadas pelas bruscas mudanças de rumo do fluxo de capitais no mercado financeiro, tema da reunião. ■